



Mídia Sem Máscara: o discurso conservador em diálogo com a pós-modernidade¹.

Hélio de Mendonça Rocha²

Universidade Federal de Juiz de Fora/MG

Resumo

Este artigo é o primeiro de uma série que pretende analisar o discurso do *site* Mídia Sem Máscara, página de jornalismo opinativo que recebe artigos de autores conservadores. Com base nas teorias de Patrick Charaudeau, o presente trabalho observa a relação entre as instâncias de produção e recepção do ato de comunicação, buscando compreender se o discurso do enunciador, a princípio apegado aos valores cristãos, é atravessado pela ausência de valores da pós-modernidade. Para tal, parte-se da hipótese de que o repertório ideológico do receptor é fundamental à construção da mensagem do emissor. Como objeto de estudo, foram escolhidos 23 artigos publicados em 2012, que tratam do tema “movimento gay”.

Palavras-chave: análise de discurso, conservadorismo, jornalismo, movimento gay, pós-modernidade.

Este artigo é o primeiro de uma série que pretende analisar alguns aspectos discursivos do portal Mídia Sem Máscara³ (MSM), página de jornalismo opinativo que recebe artigos de posicionamento conservador.

O *site*, fundado em agosto de 2002, tem o filósofo Olavo de Carvalho como editor-chefe e recebe dezenas de artigos por mês, assinados por padres da ala conservadora da Igreja Católica, blogueiros cristãos, membros da juventude conservadora das universidades brasileiras, juristas, oficiais militares, etc. Os temas abordados pelo MSM variam desde a defesa da criminalização do aborto em quaisquer casos, a negação a grande parte dos direitos dos homossexuais e o embate ideológico com militantes feministas, até muitos temas de relevância política, como a consolidação

¹Exemplo: Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012

²Graduando em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora desde agosto de 2007. Bolsista PET-SESu de abril de 2008 a abril de 2010. Estudante de mobilidade acadêmica junto à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra – Portugal, de agosto de 2010 a fevereiro de 2011.

³Endereço: www.midiasemmascara.org



do PT no poder ou a crise diplomática entre o Ocidente e alguns países do Oriente Médio.

Neste trabalho, será utilizada como ferramenta a *análise de discurso* do teórico francês Patrick Charaudeau, autor de obras que avaliam, entre outros aspectos da linguagem, o papel de emissor e receptor no processo de comunicação.

Metodologia: um estudo sobre a relação entre emissor e receptor, à luz das teorias discursivas de Patrick Charaudeau.

1 – O papel do emissor e do receptor no ato de comunicação.

As teorias linguísticas e semióticas divergem ao conceber a essência do ato de linguagem. Para algumas delas, a linguagem é um *objeto transparente*, em que a mensagem do emissor ao receptor é um “objeto autônomo que não pode dizer outra coisa a não ser o que ele diz” (CHARAUDEAU, 2010, p. 22). Outras consistem em avaliar a mesma como um *objeto não transparente*, em que a relação entre emissor e receptor não é o resultado de uma intencionalidade única, mas de um processo em que estão em jogo sentidos múltiplos que dependem de uma série de circunstâncias que envolvem o ato de comunicação.

Uma destas circunstâncias é a relação que quem constrói a mensagem mantém com o agente que a recebe e interpreta. Quando se admite a não transparência da linguagem, deve-se levar em consideração a atuação destes dois sujeitos, que são responsáveis por construir sentidos ao cogitar sobre as intenções e o repertório ideológico um do outro.

De acordo com a teoria de Patrick Charaudeau (2010), o emissor, ao dar início ao processo de transmissão de uma mensagem, assume dois papéis: ele é o *sujeito comunicante* quando assume a não transparência de suas palavras e a consequente necessidade de, ao dialogar com o receptor, construir uma imagem sobre si e escolher uma forma de discurso que melhor lhe convém. No momento em que enuncia sua mensagem, ele é o *sujeito enunciator*, sujeito à interação com o receptor e ao seu julgamento, o qual será determinante nos resultados de sua enunciação. Da mesma forma, o receptor é ao mesmo tempo o *sujeito destinatário*, agente interior ao processo de comunicação, que interage com o emissor e recebe sua mensagem, e o *sujeito-*



interpretante, agente exterior que constrói significados para a mesma ao questionar sobre a formação ideológica daquele que a constrói.

O ato de linguagem é, portanto, resultado sempre de uma aposta. A forma como o sujeito comunicante se coloca ao transmitir a mensagem, a imagem que fabrica e transmite sobre si ao assumir o papel de enunciador e a própria escolha das palavras, dos saberes e dos valores semânticos envolvidos, levam em conta a conjectura que este ergue sobre quem é o interpretante e quais os possíveis efeitos de sua mensagem. Da mesma forma, o destinatário da mensagem a interpreta e se posiciona diante dela com base no que pensa ser o enunciador.

1.2 – A mídia como enunciador e o público como destinatário.

Quando esta interação se dá entre as mídias eletrônicas e um público em que estão compreendidos muitos grupos sociais, um primeiro aspecto deve imediatamente ser levado em consideração: não se trata de um emissor que fala a um receptor, mas de um emissor que, através de um canal sofisticado capaz de chegar a milhões de pessoas, fala a múltiplos receptores que apreenderão e interpretarão a mensagem de forma diferente.

Por isso, avaliar o papel da mídia como enunciador é algo que requer a compreensão de que, como afirma Charaudeau em “O Discurso das Mídias”:

“a identidade social da instância de recepção é uma incógnita para a instância de produção. Por um lado, os receptores não estão presentes fisicamente na relação de troca, e a instância midiática não tem acesso imediato a suas reações [...]. Por outro lado, é difícil determinar o público que compõe essa instância quanto a seu *status* social, o qual, quase sempre, é muito diversificado” (2010, p 79).

Logo, falar da mídia como emissor é falar de um sujeito enunciador que não está em contato direto com o seu destinatário, por isso tem como primeiro desafio captar sua atenção, tendo em seguida de cogitar sobre como este indivíduo participa na coletividade, grupos sociais aos quais faz parte e construções ideológicas das quais partilha. Cabe à mídia traçar um perfil do seu público alvo, e desta forma construir o seu discurso de modo a conseguir os efeitos desejados junto ao destinatário, em seu papel de sujeito interpretante.



Por isso, sobretudo para jornais, revistas e páginas da *web* que trabalham com artigos de opinião, abordar a instância de recepção é pensá-la como um *alvo intelectual*, que busca credibilidade profissional dos emissores articulistas, confiabilidade nas informações, e clareza e coerência na construção dos discursos; e ao mesmo tempo num *alvo afetivo*, que exige que certos temas não sejam tratados com frieza e distanciamento, e quer a manifestação de opiniões baseadas em valores éticos e morais ao procurar as informações. A aposta da instância midiática sobre o que é a instância de recepção leva em consideração que os dois tipos de alvo se misturam e integram, sendo esta interação responsável pela construção da opinião pública. Por isso, é comum a mídia optar por jogar com os dois, indentificando-se ora com o alvo afetivo, ora com o alvo intelectual.

Enfim, partindo dos aspectos acima expostos sobre a opacidade que está presente na transmissão da mensagem do emissor ao receptor, e levando em conta as especificidades do ato de comunicação iniciado pelos meios de comunicação, o que este artigo pretende avaliar é de que forma, no caso do *site* Mídia Sem Máscara, a instância de emissão se posiciona intelectivamente e afetivamente diante dos sujeitos receptores.

Para tal, é preciso compreender a mais importante das construções ideológicas que o veículo assume: o conservadorismo.

Objeto de estudo: o conservadorismo num mundo de pós-modernidade.

O termo “conservador” é aqui considerado uma tendência política e filosófica que visa à manutenção dos preceitos éticos e morais sobre os quais estão alicerçados os valores de um determinado grupo social.

Uma das construções ideológicas às quais os grupos conservadores mais se opõem é o chamado “pós-modernismo” (ou “pós-modernidade”). Mais importante do que os valores tradicionais, para os pós-modernos, seria o gozo hedonista dos prazeres do mundo de maravilhas construído pela sociedade de consumo. Conforme afirma Jair Ferreira dos Santos:

[...] o pós-modernismo ameaça encarnar hoje estilos de vida e de filosofia nos quais viceja uma idéia, tida como arqui-sinistra: o niilismo, o nada, o vazio, a ausência de valores e de sentido para a vida. [...] o homem pós-moderno já sabe que não existe Céu nem sentido para a História, e assim se entrega ao presente e ao prazer, ao consumo e ao individualismo. (2004, p.10)



Deve-se ter por pilares do conservadorismo, portanto, a repúdia ao niilismo e, em contrapartida, a filiação a um conjunto de valores e ideais que são superiores à existência humana, ou seja, preceitos éticos e morais que o indivíduo considera universais.

A inserção do indivíduo conservador num cenário de pós-modernidade, no entanto, suscita questões. Afinal, numa situação em que o conservadorismo defende as estruturas sociais tradicionais e se opõe aos questionamentos do mundo pós-moderno, é necessário sugerir duas perguntas: em que medida o discurso dos artigos veiculados pelo *site* é influenciado pelo vazio do pós-modernismo? Não seria este discurso atravessado pela ausência de valores que está presente na pós-modernidade?

O campo de estudos é vasto, uma vez que o Mídia Sem Máscara veicula muitos artigos por dia. Por isso, este trabalho começa a investigar o discurso do *site* estabelecendo um recorte temático e temporal. Serão analisados vinte e três artigos publicados entre janeiro e abril de 2012, todos acessados por meio da palavra-chave “movimento gay”⁴.

O caso do portal Mídia Sem Máscara.

1 – O título do *site* e a figura de “detentor da verdade”.

Ao colocar em questão as propostas de discurso do Mídia Sem Máscara, torna-se evidente a necessidade de avaliação do título do *site*, profundamente revelador da imagem que os autores constroem sobre quem são e os valores que representam.

Arrogar para si o título de “Mídia Sem Máscara”, ou seja, afirmar-se o único veículo confiável entre tantas mídias que discursam escondidas por uma máscara ideológica e enganam o leitor ao mostrar uma realidade distorcida, é algo que vai de encontro ao que é consensual entre as próprias empresas que detêm os meios de comunicação social. A própria presença do receptor/interpretante impõe ao emissor/enunciador uma máscara social. É o repertório ideológico que circunscreve o discurso das mídias, a máscara que elas assumem ao cogitar sobre os interesses de seu

⁴ A demarcação temporal vai do início do ano de 2012 até o mês em que o artigo foi escrito. A escolha do tema é motivada pela posição conservadora que atribui aos homossexuais a responsabilidade pela transgressão e destruição dos valores tradicionais.



receptor, que as permite assumir posição quando é preciso identificar seu discurso aos anseios do alvo afetivo.

Patrick Charaudeau, em seu Discurso das Mídias, atribui ao ser humano a própria construção do conceito de “informação” como valor a ser disseminado e, no caso da grande mídia, transformado em mercadoria. Para ele:

Comunicar, informar, tudo é escolha. Não somente escolha de conteúdos a transmitir [...], mas escolha de efeitos de sentido para influenciar o outro, isto é, no fim das contas, escolha de estratégias discursivas. (CHARAUDEAU, 2010, p. 39).

Portanto, quando os idealizadores do portal utilizam-se do termo “mídia sem máscara”, pretendem ser reconhecidos como o único veículo que está a serviço da verdade. A seção *Quem somos?* da página principal do MSM torna evidente o fato de que os editores não se afirmam como os responsáveis pela elaboração de *uma* mídia transparente, mas *da única* “mídia sem máscara” num país em que o “controle esquerdista da mídia” (EDITORIA MSM, 2012) é completo e abrangente.

Ao se posicionar desta forma como emissor/enunciador, o sujeito comunicante pressupõe ao menos três tipos de receptor/destinatário: o que se opõe às ideologias em que se baseia o conteúdo do *site*; o defensor da mensagem conservadora, que busca um “porto seguro” e lê os artigos do *site* para construir seus próprios argumentos; e um terceiro grupo, formado por indivíduos que estão aparentemente indiferentes a esta dualidade.

Com base na possível relação dos articulistas do MSM com estes três tipos de destinatários, vamos à análise dos artigos relacionados à *tag* “movimento gay”.

2 – Os artigos

Os artigos disponibilizados pelo *site* por meio da palavra-chave “movimento gay”, entre janeiro e abril de 2012, formam, na verdade, um conjunto de 23 textos que não necessariamente tratam o tema de forma direta. Para facilitar a análise, eles serão divididos em quatro categorias: *política internacional*, *política nacional*, *cristianismo* e, finalmente, a quarta categoria: *gênero e sexualidade*.

2.1 – Política Internacional: o tema “movimento gay” é relacionado à pedofilia.



Na primeira delas, a *política internacional*, o tema principal é a mediação internacional da ONU e de outras instituições com atuação internacional, como a UNICEF ou a *Plannet Parenthood*, na discussão sobre temas que envolvem ética e moral.

Um dos textos, intitulado “Órgãos e tratados da ONU querem mais poder – governos rebatem”, escrito por Stéfano Gennarini, diz que a ONU tem obrigado estados soberanos a aceitar suas interpretações sobre temas como aborto e direitos homossexuais. No texto de Gennarini, as palavras “homossexualidade” e “aborto” não aparecem associadas a quaisquer conceitos de conteúdo moralizante.

Outro texto assume posição mais agressiva sobre tema semelhante. Escrito por Timothy Herrmann, o artigo “ONU acelera marcha rumo à plena legalização da pedofilia” já traz em seu título um forte apelo ao alvo afetivo. O termo “marcha”, que é utilizado pela esquerda para remeter à caminhada contínua das classes oprimidas em busca de justiça social, neste caso é associado aos termos “legalização” e “pedofilia”. Desta forma, ele assume carga negativa, pois o autor desperta no imaginário do leitor a figura das marchas revolucionárias do século XX, para dizer que o avanço para a legalização da pedofilia é contínuo e forte. O artigo trata da atuação da Comissão sobre População e Desenvolvimento das Nações Unidas, que, segundo Herrmann, “considera 'direitos de saúde sexual e reprodutiva' para crianças de dez anos” (2012), os quais poderiam incluir o acesso a contraceptivos e ao aborto. Timothy Herrmann assume tom indignado ao enunciar a mensagem, e chega à conclusão de que a atuação da comissão abre uma oportunidade para a ONU marginalizar e “atacar o envolvimento dos pais na saúde sexual de seus filhos” (2012), sendo os pais os “maiores obstáculos para que crianças menores de idade tenham acesso a serviços como aborto e contracepção” (2012).

Por último, o terceiro artigo sobre o tema, escrito por Peter Sprigg, também faz menção à pedofilia. Intitulado “Absurdo: na Grécia, pedofilia agora dá direito a salário”, o texto informa que o governo grego teria expandido a lista de deficientes físicos e mentais beneficiados por assistência do governo, tendo incluído cleptomaníacos e pedófilos. Chama atenção, no entanto, o fato de que o artigo, bem como o texto anteriormente citado, não faz menção direta ao movimento gay.

Ora, se o artigo é sobre direitos concedidos aos pedófilos, porque o leitor pode acessá-lo por meio da *tag* “movimento gay”? Pode-se vislumbrar uma resposta ao



observar a frase do texto: “Remover a pedofilia da esfera da condenação moral e colocá-la na esfera da saúde mental é um passo a mais para normalizá-la” (2012).

Torna-se evidente a associação feita pelo autor, e pelo próprio *site*, entre o homossexualismo e a pedofilia. Fica claro, também, que repetidamente uma mensagem é destinada ao leitor: a aceitação do homossexualismo, além de outras relativizações de valores morais, impõe à sociedade um caminho em que mais “depravações” serão admitidas. Ambos os autores, na verdade, apostam na lembrança ou no conhecimento que tem o leitor/destinatário sobre as décadas passadas, em que a homossexualidade superou a condição de marginalidade e ganhou aceitação da sociedade.

2.2 – Política Nacional: o *site* chama o leitor a se posicionar.

Dentre os artigos em que o tema principal é a *política nacional*, o primeiro texto é assinado pelo jurista Saulo de Tarso Manriquez, intitulado “Mutirão de defesa seletiva: a Defensoria Pública e a igualdade jurídica”. É um texto que, a princípio, busca atrair o leitor por seus argumentos jurídicos, repleto de informações sobre o funcionamento de sistemas processuais penais. No subtítulo do artigo, Manriquez afirma que: “Num contexto de revolução cultural, como o que se vê no Brasil, a desconstrução e a resignificação da igualdade jurídica correspondem a uma degradação do direito e prenunciam um novo totalitarismo” (2012). Partindo de um caso em que um casal gay teria recebido regalias na obtenção de defensores públicos, ele acusa o sistema judiciário de transformar o homossexual num indivíduo diferenciado, sujeito a benefícios.

No fim do texto, sua conclusão mostra uma forma de apelo aos anseios afetivos do público leitor:

“Quando inserido num contexto marcado pelo surgimento de programas que constroem novos direitos humanos sob novas perspectivas e pela criação de leis que visam cercear a liberdade de expressão e a liberdade religiosa dos cristãos, o caso assume uma importância ímpar para a manutenção do que resta de liberdade e democracia no Brasil.” (2012).

As palavras de Manriquez chamam o leitor a lutar pela liberdade de expressão e pela liberdade religiosa. Apostam, também, na possibilidade de que o leitor cristão assumira posição defensiva. Dizem que sua liberdade de expressão e de culto está



ameaçada, e que o que ele pode fazer é lutar para manter *o que resta* de liberdade e democracia no Brasil.

Noutro artigo, chamado “Dilma, a rã e o escorpião”, Nivaldo Cordeiro critica o governo do PT, que ele acusa de tentar “enganar a todos o tempo inteiro” (2012). Em texto curto, Cordeiro menciona o material pedagógico que ficou conhecido como “kit gay”, associando-o ao pré-candidato petista à Prefeitura de São Paulo, Fernando Haddad.

Finalmente, o terceiro artigo, escrito pelo blogueiro cristão Julio Severo, chama-se “Finalmente, o Brasil terá lei contra o terrorismo?”. Neste texto, Severo comenta o projeto do senador Aloysio Nunes Ferreira (PSDB-SP), que pretende criar uma lei contra o terrorismo no Brasil, e constrói seu argumento ao citar a lei antiterrorismo americana. Para o autor, o Ministério de Segurança Nacional dos Estados Unidos (MSN) não tem criticado o islamismo e, em contrapartida, tem destinado suas atenções a fiscalizar a atuação de grupos cristãos. Julio Severo afirma que, dada a grande possibilidade de que a lei antiterrorismo seja mal redigida, a comunidade cristã pode vir a ser acusada de terrorismo simplesmente por se opor ao movimento gay, o que os militantes de esquerda chamariam “terrorismo homofóbico”.

Nota-se, portanto, que o *site* abre diálogo direto com o leitor, ao chamá-lo a defender-se da “ameaça gay” à liberdade religiosa e à democracia.. O Mídia Sem Máscara acusa os homossexuais não só de transgredirem as normas de comportamento do cristianismo, mas de ameaçar a sua própria existência, visto que os cristãos representam, na argumentação dos autores, a oposição restante ao movimento gay.

2.3 – Cristianismo: fiéis ameaçados.

O terceiro grupo de textos traz artigos que debatem o *cristianismo* nos dias de hoje. O primeiro deles é de autoria do blogueiro Julio Severo e chama-se “Eles estão entre nós: ativistas gays 'cristãos’”. A expressão “eles estão entre nós” tem carga negativa, na maior parte dos contextos, sendo que o termo “eles” geralmente é usado para designar inimigos infiltrados. Não é diferente com o texto de Severo, em que ele acusa os homossexuais de “sabotarem o que sabemos da Bíblia e do homossexualismo” (2012).

O texto faz diversas referências à participação gay nas igrejas cristãs. Menciona, inclusive, um grupo evangélico chamado *Genizah*, que pretende formar uma



comunidade cristã que inclua os homossexuais. Pouco após o título, Julio Severo utiliza os termos “infiltrar” e “misturar-se”, ambos para falar da participação de homossexuais militantes num culto evangélico. Também faz uso da expressão “imposição de seu pecado sexual”, para tratar do debate entre os homossexuais e as igrejas cristãs.

Julio Severo também assina os artigos “A nova missão do FBI: monitorar cristãos”, e “Meus estranhos visitantes”, em que denuncia o acesso frequente do FBI ao seu blog, hospedado em domínio norte-americano, que tem por temática central a defesa da família e do cristianismo. O autor diz ser perseguido e acusa o governo americano de impor a “agenda gay” à população. Na conclusão do primeiro texto, ele diz: “Sei que o governo americano já está monitorando *sites* cristãos. [...] Sei disso porque o governo americano já declarou que os EUA vão estabelecer uma agência policial internacional a favor da agenda gay” (2012).

O terceiro artigo de Julio Severo, chamado “Um pastor assembleiano que não gosta de moscas” trata da relação do governo com as igrejas neo-pentecostais. O autor enaltece o pastor Silas Malafaia, da Assembléia de Deus, grande opositor à aceitação do homossexualismo e à descriminalização do aborto.

O editor do Mídia Sem Máscara, Olavo de Carvalho, praticamente não assina os artigos acessados por meio da *tag* “movimento gay”. A única exceção é o texto “Causas sagradas”, em que ele adjetiva os militantes de esquerda com os termos: “mediocres”, “incapazes” e “pilantras”. Critica-os severamente por acreditarem-se portadores de virtudes sagradas unicamente por defender a agenda esquedista, feminista, ou o movimento gay.

O último artigo que tem o cristianismo por temática principal é de autoria do padre Lodi da Cruz. Chama-se “O pecado tem direitos?” e critica o cardeal Raymundo Damasceno, presidente da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), por ter afirmado, em comunicado da CNBB, que a Igreja Católica se opõe a todo tipo de discriminação. Segundo o padre, dom Damasceno peca ao não repudiar o projeto que visa à criminalização da homofobia. Lodi da Cruz menciona a existência de “discriminações justas” e “discriminações injustas”. Argumenta que qualquer escolha entre uma ou outra pessoa, qualquer prova que selecione alguns e exclua outros, na prática, exerce uma “discriminação justa”. Seria a repúdia dos cristãos à homossexualidade, portanto, uma forma de “discriminação justa”, pois neste caso eles o fazem em função da repúdia a um comportamento que vai de encontro à sua moral.



2.4 – Gênero e Sexualidade: o caso Laerte, a ameaça ao cristianismo e a pedofilia.

O último tema, *gênero e sexualidade*, é também o que reúne o maior número de textos. São onze artigos. Os principais textos envolvem a polêmica do caso em que o cartunista Laerte foi convidado a não utilizar o banheiro feminino de um restaurante, o que causou polêmica e resultou na acusação de homofobia contra o estabelecimento.

Três artigos envolvem o caso Laerte, nomeados “Travestis & transexuais: o feminismo falocêntrico”; “A vitória da mulher de mentira sobre a mulher de verdade?”; e “A menina, o banheiro e o marmanjo gay”. O primeiro é assinado por José Maria e Silva e os demais pelo blogueiro Julio Severo. Ambos enfatizam o fato de que Laerte foi convidado a não usar o banheiro feminino, pelo dono do restaurante, a pedido de uma mulher e de sua filha de dez anos. Ou seja, dá notoriedade ao fato de que uma criança foi obrigada a dividir o banheiro com um homem adulto.

Há também artigos que tratam da educação das crianças. São eles: “A pedofilia promovida e atestada”, por Fábio Blanco; “Crianças: inocentes peões da tirania ideológica”, por Julio Severo; “Beijo gay: obrigatório para crianças?”, por Julio Severo; “Acadêmicos pretendem redefinir a pedofilia como intimidade intergeracional”, por Anne Hendershott; e “Propaganda da Globo pró-aborto: 'não bata nos filhos’”, por Julio Severo.

No primeiro deles, Blanco argumenta contra a “relação sexual entre pessoas de gerações diferentes” (2012). Ataca o que chama de “intuito sexualizador das crianças” (2012), presente na programação da Rede Globo. Também prenuncia a aceitação da pedofilia pelo sistema judiciário. No entanto, não faz menção aos homossexuais. Mais uma vez, um texto do Mídia Sem Máscara que discute a pedofilia é classificado na temática “movimento gay”.

Os textos de Julio Severo criticam a educação das crianças, que segundo o autor são “treinadas para bajular os valores estatais” (2012), o que era comum às grandes ditaduras totalitárias. Ele critica avidamente a “tendência de misturar os papéis masculinos e femininos” (2012), que atualmente está presente na educação das crianças. Em “Beijo gay: obrigatório para crianças”, Severo se opõe à possível exibição de beijos gays na TV. Argumenta que a aceitação do beijo gay é o primeiro passo para a aceitação de cenas de “homossexuais na cama” (2012) e, em seguida, para a aceitação da pedofilia. Em “Propaganda da Globo pró-aborto: 'não bata nos filhos’”, o autor critica a campanha “Não bata. Eduque”, feita pela Rede Globo em parceria com o



Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda). Segundo Julio Severo, a campanha é liderada pela “radical feminista pró-aborto e pró-homossexualismo Maria do Rosário” (2012), e objetiva a “intrusão do governo nos lares para ameaçar e aterrorizar pais e mães” (2012). Severo afirma que o cerceamento à autoridade dos pais é, também, um passo para a imposição do homossexualismo e da pedofilia.

O texto da autora Anne Hendershott afirma que acadêmicos norte-americanos querem mudar o termo “pedofilia”, eufemizando-o com a alcunha de “intimidade intergeracional”. A autora responsabiliza os homossexuais pela possível transição, argumentando que “em 1990, a Revista de Homossexualidade publicou uma edição dupla dedicada ao sexo entre adultos e crianças intitulada 'Intimidade Intergeracional'” (2012).

Por fim, outros temas de menor importância completam o grupo de artigos. Em “Aí vem os... sem sexo?”, Felipe Melo, membro da juventude conservadora da UnB, alerta os leitores sobre a chegada de uma nova minoria: os assexuais, pessoas que rejeitam a própria sexualidade. Em “Cura gay': o falso debate”, José Maria e Silva debate a questão da inclusão ou não da homossexualidade no Catálogo Internacional de Doenças (CID). Em “Começa a revolta contra a agenda LGBT de Obama”, Wendy Wright prenuncia a revolta da população norte-americana contra as medidas de favorecimento ao movimento gay implementadas por Barack Obama.

Conclusão:

Após a avaliação dos artigos publicados pelo *site* Mídia Sem Máscara, pode-se perceber, na argumentação crítica ao movimento gay, a frequente associação entre o homossexualismo e a pedofilia, ou entre o movimento gay e a ameaça à liberdade de culto dos cristãos. Os autores, portanto, utilizam-se de apelos afetivos para cativar os leitores, induzindo-lhes sentimentos de ameaça ou revolta, com muitas palavras que causam medo e raras enunciações que busquem convencê-los sobre falhas nos argumentos da militância homossexual.

O diálogo com o alvo intelectual dá lugar, praticamente em todos os artigos, aos apelos afetivos. O Mídia Sem Máscara recorre a argumentos que dificilmente podem atingir a outro público, senão aquele que já busca os textos por concordar com as suas



idéias. No entanto, é possível imaginar alguns efeitos esperados pela instância produtora das mensagens na relação com outros grupos da instância de recepção.

Ao leitor que se opõe ao repertório ideológico do *site*, é lançado o desafio de quem afirma: “nós sabemos o que estamos dizendo. E você?”. Esta relação torna-se clara num trecho de “Quem Somos?”, em que a editoria afirma que os brasileiros “estão emburrecendo porque, em vez de educação e informação, receberam propaganda esquerdista e se acostumaram a identificá-la com a cultura e a inteligência.” (2010). Mas é na relação com o leitor que está alheio a dualidade “esquerdaXdireita” que o MSM busca efeitos que desequilibrem a balança das disputas político-ideológicas, por isso é importante pensar no quê os articulistas apostam ao buscar argumentos que induzam no seu destinatário sentimentos de revolta e medo.

Mesmo entre os leitores que não estão solidamente posicionados à esquerda ou à direita da instância política existem múltiplos repertórios ideológicos, diferentes formações culturais e, portanto, muitas possibilidades de interpretação para uma mensagem. Mas, ao buscar diálogo com este tipo de leitor, o Mídia Sem Máscara aposta naquele que desconhece os argumentos contra a ideia de que os homossexuais ameaçam o cristianismo ou a democracia. Busca leitores que não podem questionar se a própria mensagem cristã, que prega o amor e a tolerância, não seria inadequada a um discurso que mostra o opositor como inimigo. Também aposta nos que podem não questionar uma associação pouco consensual entre o homossexualismo e a pedofilia. O MSM, portanto, aposta na ausência de valores da pós-modernidade para encontrar apoio ao seu discurso.

Outro aspecto a ser avaliado é a superficialidade das informações, já que a maioria delas dialoga com os anseios afetivos dos receptores/interpretantes, mas não busca argumentos que seduzam o alvo intelectual. No debate sobre o cartunista Laerte, pode-se discutir uma forma de adequar os direitos dos homossexuais aos direitos da mulher. Pode-se mostrar que é preciso haver um limite em que os direitos das minorias respeitem a coletividade. No entanto, o *site* preferiu alardear o envolvimento de uma criança e pregar a “ameaça gay” a integridade das mulheres. Na discussão sobre a educação das crianças, pode-se avaliar que as políticas para minorias não devem passar à frente da autoridade dos pais, como se o Estado soubesse o que é melhor para os filhos e as famílias. Contudo, os autores preferiram associar o homossexualismo à pedofilia, evidenciando a mesma “ameaça gay”, neste caso às “crianças inocentes e indefesas”.



Tal procedimento é, na verdade, característico dos meios de informação que surgiram com a pós-modernidade. O Mídia Sem Máscara encontra na pós-modernidade não só a maior parte de seus leitores, mas também o seu próprio formato de trabalho. Segundo Jair Ferreira dos Santos, este movimento cultural que é assumido, nos dias de hoje, por parte significativa da humanidade:

“invadiu o cotidiano com a tecnologia eletrônica de massa e individual, visando à sua saturação com informações, diversões e serviços. Na Era da Informática, que é o tratamento computadorizado do conhecimento e da informação, lidamos mais com signos do que com coisas”. (SANTOS, 2004)

O discurso do Mídia Sem Máscara é, portanto, tomado pelo mesmo vazio e pela mesma matiz superficial de pensamento que reina na pós-modernidade. A identificação do homossexual com a figura de um inimigo, a menção à possibilidade de infiltração de militantes gays nas igrejas cristãs, o prenúncio de um futuro em que a pedofilia será uma orientação sexual aceita e a propagação de um sentimento de ameaça ao cristianismo, como práticas discursivas que apelam ao alvo afetivo, são o resultado da aposta no isolamento do indivíduo que vai interpretar a mensagem. Também são fruto da aposta na própria condição pós-moderna, que expõe o indivíduo à tela do computador e sua miríade de informações planejadas. Os leitores, distantes do conhecimento filosófico sobre os valores que alicerçam a mensagem cristã, ou do conhecimento sobre o que a psicanálise tem a dizer sobre uma infundada relação entre homossexualismo e pedofilia, tomam por conservadores e cristãos os argumentos do Mídia Sem Máscara. Na verdade, a referência ao cristianismo e os efeitos que ela produz no imaginário do leitor atuam como a máscara que é negada pelo título do *site*. A máscara que busca esconder uma realidade distorcida por um discurso vazio e preconceituoso. Mais pós-moderno que, de fato, conservador.

Referências Bibliográficas

Livros:

- CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e Discurso*. São Paulo. Editora Contexto. 2010.
CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. São Paulo. Editora Contexto. 2010.
SANTOS, Jair Ferreira dos. *O que é pós-moderno*. São Paulo. Editora Brasiliense. 2004.



Textos analisados:

- BLANCO, Fábio. *A pedofilia promovida e atestada*. Mídia Sem Máscara. 2012.
- CARVALHO, Olavo de. *Causas Sagradas*. Mídia Sem Máscara. 2012.
- CORDEIRO, Nivaldo. *Dilma, a rã e o escorpião*. Mídia Sem Máscara. 2012.
- CRUZ, Pe. Lodi da. *O pecado tem direitos?* Mídia Sem Máscara. 2012.
- EDITORIA MSM. *Quem somos?* Mídia Sem Máscara. 2010.
- HENDERSHOTT, Anne. *Acadêmicos pretendem redefinir a pedofilia como “intimidade intergeracional”*. Mídia Sem Máscara. 2012.
- HERRMANN, Timothy. *ONU: “direitos sexuais” para crianças de 10 anos*. Mídia Sem Máscara. 2012.
- GENNARINI, Stefano. *Órgãos de tratados da ONU querem mais poder – governos rebatem*. Mídia Sem Máscara. 2012.
- MANRIQUEZ, Saulo de Tarso. *Mutirão de defesa seletiva: a Defensoria Pública de SP e a igualdade jurídica*. Mídia Sem Máscara. 2012.
- MELO, Felipe. *Aí vem os... sem sexo?* Mídia Sem Máscara. 2012.
- SEVERO, Julio. *A menina, o banheiro e o marmanjo gay*. Mídia Sem Máscara. 2012.
- SEVERO, Julio. *A nova missão do FBI: monitorar cristãos*. Mídia Sem Máscara. 2012.
- SEVERO, Julio. *A vitória da mulher de mentira sobre a mulher de verdade*. Mídia Sem Máscara. 2012.
- SEVERO, Julio. *Beijo gay: obrigatório para crianças?* Mídia Sem Máscara. 2012.
- SEVERO, Julio. *Crianças: inocentes peões da tirania ideológica*. Mídia Sem Máscara. 2012.
- SEVERO, Julio. *Eles estão entre nós: ativistas gays “cristãos”*. Mídia Sem Máscara. 2012.
- SEVERO, Julio. *Finalmente, o Brasil terá lei contra o terrorismo?* Mídia Sem Máscara. 2012.
- SEVERO, Julio. *Meus estranhos visitantes*. Mídia Sem Máscara. 2012.
- SEVERO, Julio. *Propaganda da Globo pró-aborto: “não bata nos filhos”*. Mídia Sem Máscara. 2012.
- SEVERO, Julio. *Um pastor assembleiano que não gosta de moscas*. Mídia Sem Máscara. 2012.
- SILVA, José Maria e. *“Cura gay”: o falso debate*. Mídia Sem Máscara. 2012.
- SILVA, José Maria e. *Travestis & Transexuais: o feminismo falocêntrico*. Mídia Sem Máscara. 2012.
- SPRIGG, Peter. *Absurdo: na Grécia, pedofilia agora dá direito a salário*. Mídia Sem Máscara. 2012.
- WRIGHT, Wendy. *Começa a revolta contra a agenda LGBT de Obama*. Mídia Sem Máscara. 2012.

Disponíveis em: [http://www.midiasemmascara.org/component/search/?searchword=movimento+gay&searchphrase=exact&areas\[0\]=tags](http://www.midiasemmascara.org/component/search/?searchword=movimento+gay&searchphrase=exact&areas[0]=tags)

Acessados entre 15 de abril e 28 de abril de 2012.